

## **A Migração dos indígenas em Minas Gerais na década de 2000**

**Claudia Ayer – UFMG**

**Elaine Vilela – UFMG**

**Wagner Chagas – UFMG**

**Marden Campos - UFMG**

### **Resumo**

Esse estudo tem como objetivo contribuir para investigação sobre os padrões migratórios de povos indígenas no estado de Minas Gerais. Propõe-se entender a probabilidade da população indígena migrar, comparada a não indígena, controlando por fatores que possivelmente interferem na mobilidade espacial desses indivíduos. Utilizamos dados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com intuito de compreender se a raça/ cor “indígena” tem efeito sobre a probabilidade de um indivíduo migrar, comparado aos não indígenas. Isso foi feito com base em modelos de regressão logística. Os resultados indicam que ser indígena apresenta efeito significativo sobre a probabilidade de um indivíduo migrar, variando entre as áreas urbanas e rurais. Nessa perspectiva, os indígenas urbanos têm 158% a mais de probabilidade de migrar do que os não indígenas rurais, indicando a relevância de investigar com detalhes os fatores que determinam esse fenômeno.

**Palavras- chave:** Migração, povos indígenas, demografia indígena.

**ÁREA TEMÁTICA: 3 DEMOGRAFIA**

## **1. Introdução**

A migração de indígenas é uma temática que desperta interesse de estudiosos de diversas áreas de conhecimento, tendo sido destacada, em âmbito internacional, como um tema emergente nos estudos sobre populações indígenas (UN, 2009). Embora alguns estudos tenham sido desenvolvidos no Brasil sobre o tema (Simoni & Dagnino, 2016; Teixeira et al., 2009; Teixeira e Brasil, 2006; Estanislau, 2014) eles têm sido direcionados para o estudo de etnias específicas e pontos localizados no território. São raras as análises que fazem referência aos padrões de migração de um conjunto maior de povos indígenas no Brasil. Contudo, são poucos os estudos que usam o censo como fonte de informação para estudos sobre migração dos povos indígenas, apesar dos censos demográficos vêm se tornando uma das principais fontes de informação sobre populações indígenas no Brasil, principalmente para a produção de estatísticas com representatividade nacional.

Com o intuito de contribuir com esses trabalhos, esse artigo propõe entender melhor a probabilidade da população indígena migrar, comparada à não indígena, controlando outros fatores que possivelmente explicam a mobilidade espacial dos indivíduos.

## **2. Estudos sobre migração indígena**

A migração de indígenas é uma temática que desperta interesse de estudiosos de diversas áreas de conhecimento. No Brasil, textos tratando do tema foram publicados nos últimos anos por pesquisadores de áreas como a antropologia, a história, a geografia, a sociologia e a demografia. É importante destacar que, em sua maioria, esses trabalhos direcionam-se para o estudo de etnias específicas e pontos localizados no território, e não para áreas mais amplas ou mesmo para o país como um todo. São também focados nas migrações internas. Desse modo, há certa dificuldade em saber se há algum tipo de comportamento comum aos indígenas, em termos de migração no Brasil, ou se as especificidades contextuais impedem a construção de formas de análises generalizadoras ou abrangentes.

Descrevemos, a seguir, alguns estudos que tratam do assunto, na busca de compreender melhor os tipos de análise que têm sido feitas sobre o tema e quais os aspectos destacados pelos pesquisadores envolvidos.

O primeiro desses estudos, realizado por Brasil e Teixeira (2006) e Teixeira et al. (2009) dedica-se a descrever, em termos demográficos, a migração de alguns povos residentes nas terras indígenas próxima das capitais da região Norte do País, detalhando a migração de dois povos Sateré-Mawé para cidades da região amazônica. Os autores enfatizam a procura por trabalho e por escolas como motivadores da migração, sendo, segundo eles, a educação o principal motivo para a migração para as cidades menores da região e o trabalho, o motivo principal da migração para cidades maiores, como Manaus.

Estudando outro contexto e região, Estanislau (2014) analisa os circuitos migratórios entre os territórios indígenas Pankararu, no interior de Pernambuco e cidade de São Paulo??, com base em análise de dados de censos demográficos e entrevistas realizadas com os próprios indígenas. A autora destaca o papel de redes de migração e circuitos de

idas e vindas entre as terras indígenas e a grande cidade, no que ela chama de um movimento de “eterna volta” estabelecido por esses indígenas entre os dois pontos do território (ESTANISLAU, 2014: xxvii).

Em um outro estudo, Azevedo et. al. (2013) descrevem os deslocamentos espaciais dos Guarani, enfatizando a grande complexidade do fenômeno. Segundo os autores, o “caminhar” ou “andar”, referentes aos movimentos espaciais, fazem parte do universo cultural desses povos, para inúmeras atividades tradicionais históricas e da atualidade. Os autores remetem, assim, a um aspecto importante, que retomaremos adiante, sobre a relação entre mobilidade espacial e os costumes de determinados povos indígenas. Apesar disso, os autores destacam que os Guarani convivem com fenômenos como expulsão de terras e deslocamento em busca de trabalho assalariado fora das aldeias.

Esse último aspecto vai de encontro à abordagem utilizada pela Comissão Econômica para a América Latina quando trata das migrações de indígenas na América Latina, em um estudo recente (CEPAL, 2014), em que a ênfase é dada aos desequilíbrios territoriais no acesso aos bens e serviços, como estímulos para a migração dos indígenas do continente para as cidades, assim como a desestruturação territorial e expulsão dos povos indígenas de suas terras. O relatório busca, desse modo, fazer um relato abrangente e homogeneizante em relação aos povos indígenas de vários países. Mesmo reconhecendo que podem haver aspectos considerados “positivos” pelos autores na migração dos povos indígenas para as cidades, que não implicaria necessariamente uma desvinculação de seus territórios atuais, o documento enfatiza repetidamente os aspectos negativos do fenômeno e a precariedade das condições de vida daqueles que vivem nas cidades.

A descrição dos resultados principais desse pequeno número de estudos já mostra a diferença de abordagens utilizadas o que é, certamente, um indício da complexidade do fenômeno em questão. Nesse sentido, seria interessante acrescentar uma leitura, em certa medida generalizante, dos perigos de tentarmos tirar conclusões rápidas ou apressadas da mobilidade espacial dos indígenas.

Em um o artigo intitulado “Viagens de ida, de volta e outras viagens: os movimentos migratórios e as sociedades indígenas” João Pacheco de Oliveira enfatiza a diversidade do fenômeno migratório dos indígenas e os perigos de se estabelecer uma relação biunívoca e restritiva entre o território e a sociedade indígena, dado que parte de seus padrões de mobilidade são estruturados cultural e historicamente, parte deles estabelecidos inclusive muito antes da chegada dos colonizadores (OLIVEIRA, 1996) .

Oliveira afirma que “não é da natureza das sociedades indígenas estabelecerem limites territoriais precisos para o exercício de sua sociabilidade” (OLIVEIRA, 1996, p. 9). As migrações seriam parte constitutiva dessas sociedades, cujas “narrativas múltiplas” configuram múltiplos eixos de mobilidade. Dessa forma, o modo simplista de interpretar os movimentos migratórios indígenas como indícios de desagregação dessas sociedades, que pressuporia uma ligação visceral desses povos com seu território é, para o autor, uma visão parcial que não propicia um enquadramento adequado do problema.

A partir da leitura do texto podemos ver que embora parte considerável das migrações indígenas possa ser associada a vulnerabilidade e precariedade das condições de vida dessas populações, existem outras migrações de indígenas que, mesmo envolvendo aspectos econômicos, não podem ser explicadas exclusivamente por eles. Esse seria o caso da migração de jovens imbuídos pelo desejo de conhecer outros lugares e outras

culturas, onde o ganho material não é o objetivo principal, mas sim um processo de amadurecimento e aquisição de sabedoria, ou motivações tradicionais, como “andanças para uma melhor escolha matrimonial” (OLIVEIRA, 1996, p7). Um exemplo seriam as migrações “temporárias” de jovens para as grandes cidades da Amazônia, cujas razões podem ser meramente pessoais, estratégias de mobilidade social, como aperfeiçoamento dos estudos, traquejo no português, obtenção de documentos, formação religiosa ou constituição de poupança. Esses movimentos ainda estariam submetidos à estratégias familiares e redes sociais, com intuito de, no retorno para as terras indígenas, construir uma casa, abrir um pequeno estabelecimento comercial, ou mesmo desejo de ter uma experiência de vida nas grandes cidades. Por fim, o autor pontua que os deslocamentos espaciais também são uma forma de regular conflitos entre algumas populações, cuja, separação espacial de líderes e facções em litígio pode evitar os enfrentamentos interétnicos. (OLIVEIRA, 1996, p8)

Conforme fica explícito nas análises acima, o fenômeno da migração de indígenas é muito mais complexo e etnicamente diferenciado do que o que pode transparecer nas análises localizadas e pontuais, assim como em algumas tentativas de generalização. A transposição escalar entre estudos de contextos locais para “padrões” nacionais de deslocamento espacial ameaça-nos de simplificação e obscurecimento de inúmeros fatores importantes.

Esse fenômeno ganha maior complexidade quando a mobilidade espacial dos indígenas torna-se internacional, isto é, quando ultrapassa as fronteiras atuais do Estados Nacionais. Nesse sentido, é importante incorporarmos as reflexões que têm sido realizadas entorno da migração em áreas de fronteira para outros grupos populacionais, além dos povos indígenas.

### 3. Métodos

Para realização do estudo, utilizamos dados do Censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Estatística, 2010), informações representativas para a população do estado de Minas Gerais, totalizando 19.597.104 de casos, sendo 31.597 (16%) de indígenas e 19.565.507 (99,84%) de não indígenas. Essa classificação baseia-se na variável referente à raça/cor do Censo, para a qual foram excluídos os casos de indivíduos sem informação.

Interessa-nos compreender se a raça/ cor “indígena” tem efeito sobre a probabilidade de um indivíduo migrar, comparado aos não indígenas, definido como o conjunto de pessoas que se declararam no Censo como branca, parda, preta e amarela. Para tanto, nossa variável dependente refere-se à informação<sup>1</sup> se um indivíduo mudou-se de país, estado ou município nos últimos dez anos. São definidos como migrantes, tanto os indivíduos que migraram dentro do território brasileiro (internos) quanto de outros países (estrangeiros).

Para verificar essa questão, utilizamos uma abordagem quantitativa, por meio da estimação de modelos estatísticos à amostra de dados construída. Além da variável de teste (indígena) e da variável dependente (migradec), são incluído nos modelos estatísticos informações socioeconômicas e demográficas, as quais a literatura indica como importantes para compreensão do movimento migratório. Antes de entrarmos propriamente nos modelos de análise, apresentamos as variáveis que os constituem. O

---

<sup>1</sup> Essa informação é obtida por meio da variável V0625.

quadro 1 sintetiza as variáveis utilizadas nos modelos estatísticos, com suas formas e descrições.

**Quadro 1**–Descrição das variáveis usadas na estimação dos modelos estatísticos.

<i>Variável</i>	<i>Tipo</i>	<i>Descrição</i>
<b><i>Variáveis dependentes</i></b>		
<b><i>Migdec</i></b>	Binária	1= Mudou-se de país, estado ou município nos últimos dez anos 0= Não mudou-se de país, estado ou município nos últimos dez anos
<b><i>Variáveis de teste</i></b>		
<b><i>Indígena</i></b>	Binária	1 = Indígena / 0= Não indígena (Branco, pardo, preto ou amarelo)
<b><i>IndioUrb</i></b>	Categórica	Termo interativo entre as variáveis indígena e urbano
<b><i>Variáveis de controle</i></b>		
<b><i>Idade</i></b>	Contínua	Idade do indivíduo, em anos
<b><i>Estuda</i></b>	Binário	1 = Estuda / 0= Não estuda
<b><i>Sexo</i></b>	Binária	1= Homem / 0 = Mulher
<b><i>Urbano</i></b>	Binária	1= Urbano / 0 = Rural
<b><i>Educação</i></b>		
<b><i>Educ2</i></b>	Binária	1= Fundamental completo ou médio incompleto / 0 = Sem instrução ou fundamental incompleto
<b><i>Educ3</i></b>	Binária	1=Médio completo ou superior incompleto/ 0 = Superior completo
<b><i>Educ4</i></b>	Binária	1= Superior completo/ 0 = Superior completo
<b><i>Estado civil</i></b>		
<b><i>Unido</i></b>	Binária	1 = Unido / 0 = Não unido
<b><i>Faixa de renda</i></b>		
<b><i>Renda2</i></b>	Binária	1= Mais de 1 a 2 salários mínimos / 0 = Até 1 salário mínimo
<b><i>Renda3</i></b>	Binária	1= Mais de 2 a 5 salários mínimos / 0 = Até 1 salário mínimo
<b><i>Renda4</i></b>	Binária	1= Mais de 5 salários mínimos / 0 = Até 1 salário mínimo

Com base nessas variáveis, mantendo tudo constante (isso é, situação de residência, nível educacional, idade, entre outros fatores), esse estudo busca verificar se os indígenas têm probabilidades diferentes de migrar do que os não indígenas. Para investigar essa questão, utilizamos modelos estatísticos de regressão logística, na qual a variável resposta é se o indivíduo migrou na década ou não e a variável de teste é se o indivíduo é indígena ou não, conforme a especificação abaixo.

$$\text{Log} \left[ \frac{P}{1 - P} \right] = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

Onde,

P = probabilidade de Y = 1 (do indivíduo ter migrado)

1 - P = probabilidade de Y = 0 (do indivíduo não ter migrado)

$\beta_0$  = probabilidade de ocorrência do evento quando todo X (variáveis independentes) for igual a zero (intercepto)

$\beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k$  = variação do efeito das variáveis explicativas sobre a probabilidade de ocorrência do evento (inclinação).

$\varepsilon$  = error estocástico

Para compreensão dos fatores que influenciam as probabilidades dos indígenas migrarem, estimamos três modelos estatísticos, apresentados no Quadro 2. Em um

primeiro momento, especificamos um modelo com todos os indivíduos (indígenas e não indígenas) de ambas as áreas, rural e urbana. Verificado que os moradores de áreas urbanas são mais propensos à migração, analisamos um modelo somente para os residentes de zonas urbanas, com intuito de examinar as probabilidades dos indígenas migrarem comparados aos não indígenas. Em seguida, confirmada a diferença nas probabilidades de migrar entre indígenas e não indígenas estimamos um modelo somente para os indígenas residentes em áreas urbanas, com intuito de identificar os fatores que explicam as maiores probabilidades desse grupo migrar.

Quadro 2 – Modelos estimados e hipóteses a serem testadas

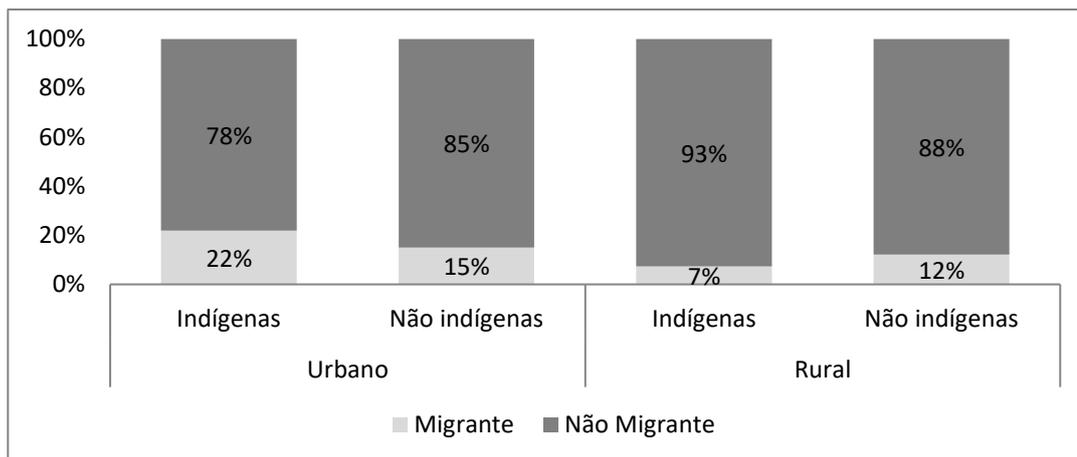
<i>Modelo</i>	<i>Amostra</i>	<i>Variável de teste</i>	<i>Hipótese de teste</i>
<b>Modelo 1</b>	Modelo estimado para indígenas e não indígenas.	Indígena	<b>HIPÓTESE 1:</b> Analisamos se os indígenas têm uma maior probabilidade de migrar do que não indígenas.
<b>Modelo 2</b>	Modelo estimado para indígenas e não indígenas, restrito aos indivíduos na área urbana.	Indígena	<b>HIPÓTESE 2:</b> Analisamos se os indígenas têm uma maior probabilidade de migrar do que não indígenas na área urbana.
<b>Modelo 3</b>	Modelo estimado para os indígenas na área urbana entre 15 a 65 anos	-	<b>HIPÓTESE 3:</b> Analisamos quais fatores são importantes para compreender a mobilidade espacial dos indígenas, entre 15 a 65 anos, na área urbana.

#### 4. Resultado

Nessa seção, inicialmente, analisamos as distribuições percentuais de migrantes entre os grupos indígenas e não indígenas, sem o controle de características socioeconômicas dos indivíduos, para em seguida apresentar os resultados dos modelos estatísticos estimados.

Do total de residentes em Minas Gerais, percebe-se que tanto entre os indígenas como entre os não indígenas, há uma maior intensidade migratória nas áreas urbanas do que nas áreas rurais, sendo os indígenas urbanos o grupo com maior percentual de migrantes (22%). Cabe destacar que 52,6% dos indígenas estão na área rural e 47,4% na área urbana. A situação para os não indígenas é oposta, na medida em que a maioria (77,6 %) se encontra na área urbana e apenas 22,4% está na área rural.

**Gráfico 1** -Percentual de indivíduos que residiam há menos de 10 anos no município, segundo a situação do domicílio, para indígenas e não indígenas – Minas Gerais, 2010

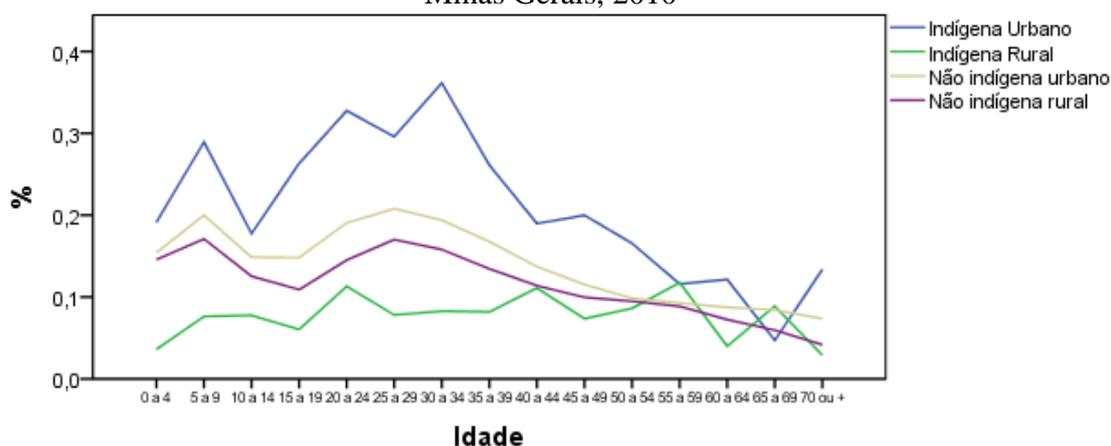


Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

A análise do Gráfico 2, no qual se observa a distribuição dos migrantes, por grupo de raça/ cor e faixa etária, destaca a migração acentuada de indivíduos residentes de áreas urbanas, tanto entre indígenas e quanto entre não indígenas. Nota-se que essa diferença nos padrões de áreas urbanas e rurais é ainda mais evidente entre os indígenas, visto que os indígenas urbanos são o grupo com maior percentual de migração e os indígenas rurais com menor proporção.

O percentual de migrantes indígenas nas zonas rurais é extremamente baixo, em média 7% entre os grupos etários. Por outro lado, entre os indígenas urbanos a participação dos migrantes é elevada (21%), superior inclusive ao dos não indígenas urbanos (15%).

**Gráfico 2** - Percentual de indivíduos que residiam há menos de 10 anos no município, por idade, segundo a situação do domicílio, para indígenas e não indígenas – Minas Gerais, 2010

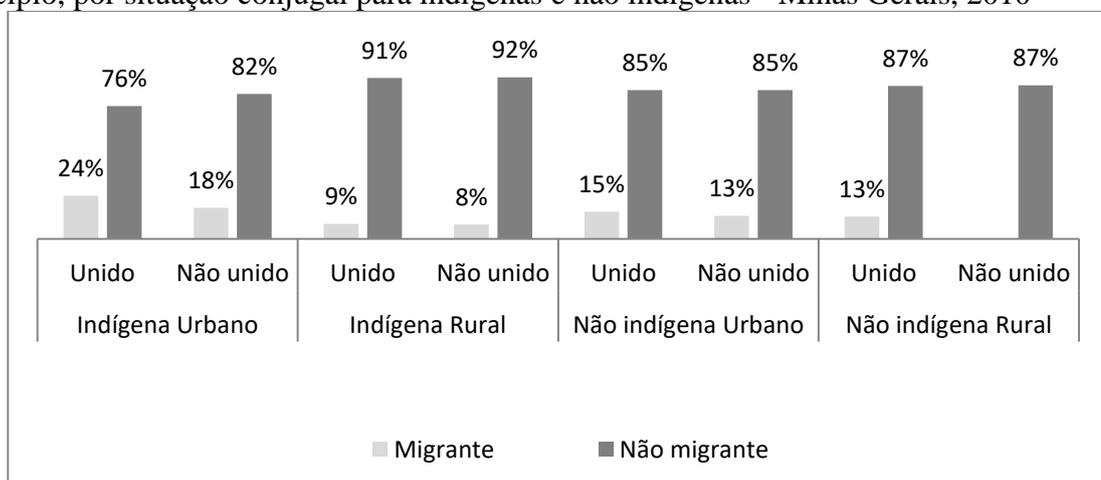


Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Os Gráfico 3 apresenta a distribuição de migrantes entre indígenas e não indígenas, de áreas urbanas e rurais, por situação conjugal (unidos e não unidos). Para tanto, foram selecionados os indivíduos entre 15 a 65 anos. Percebe-se que em ambas as situações conjugais os indígenas urbanos são o grupo com maiores percentuais migratórios,

comparado aos demais. Nota-se ainda que os indivíduos unidos apresentam maiores proporções de migrantes, exceto para os indígenas em zonas rurais.

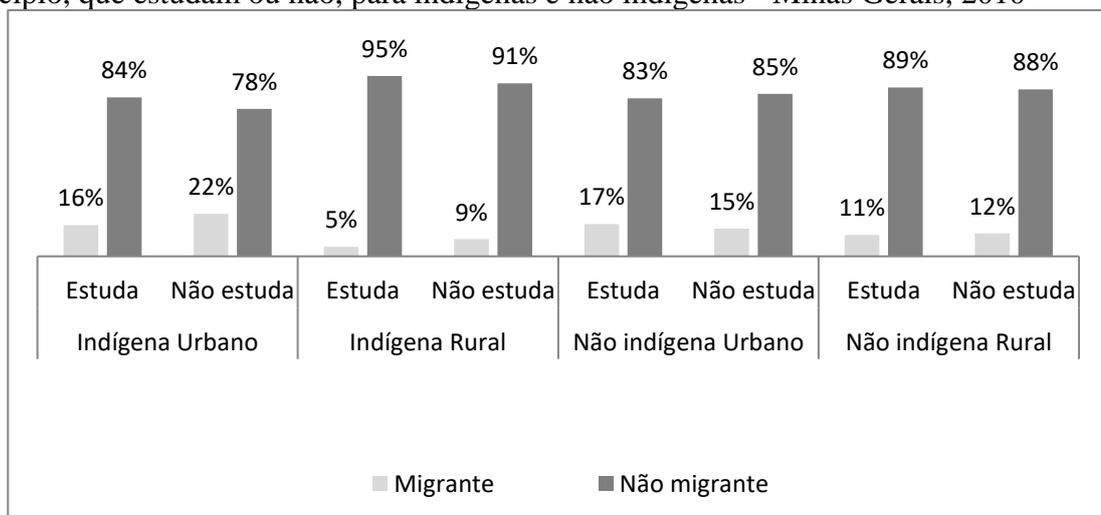
**Gráfico 3** - Percentual de indivíduos que residiam há menos de 10 anos no município, por situação conjugal para indígenas e não indígenas - Minas Gerais, 2010



Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Em relação à frequência à escola, nota-se que é maior o número de migrantes entre os indivíduos que estudam para os residentes de áreas urbanas, tanto indígenas quanto não indígenas. Os resultados mostram-se opostos na área rural, na medida em que a proporção de migrantes passa a ser maior entre os que não estudam. Destaca-se ainda que entre os grupos pesquisados, o maior percentual de migrantes é observado entre os indígenas urbanos, independente se estudam ou não.

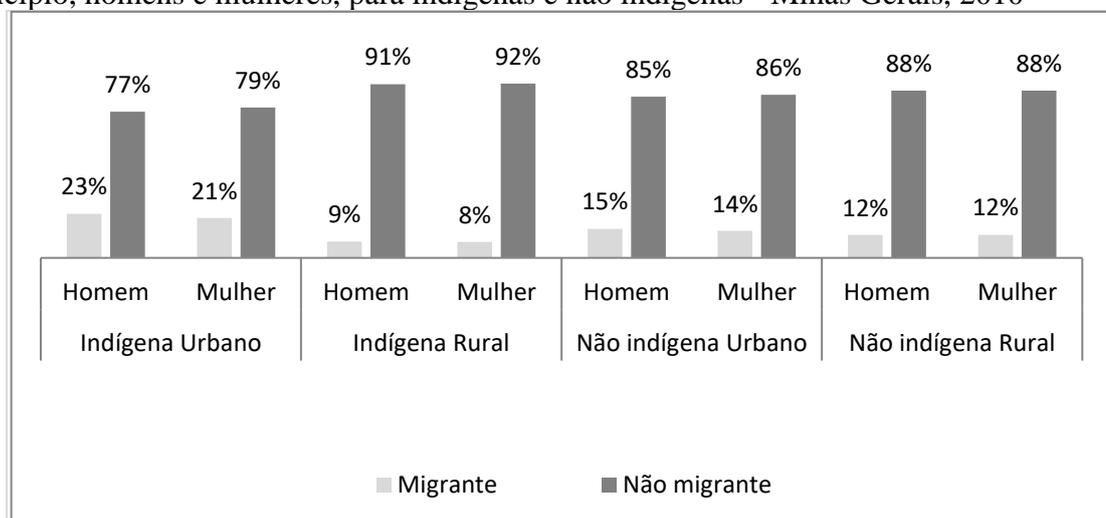
**Gráfico 4** - Percentual de indivíduos que residiam há menos de 10 anos no município, que estudam ou não, para indígenas e não indígenas - Minas Gerais, 2010



Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Não se observa grandes diferenças entre homens e mulheres, conforme indicado no Gráfico 5 abaixo, sendo os indígenas urbanos, de ambos os sexos os grupos com maiores percentuais de migrantes.

**Gráfico 5** -Percentual de indivíduos que residiam há menos de 10 anos no município, homens e mulheres, para indígenas e não indígenas - Minas Gerais, 2010



Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Por meio dos dados descritivos, observamos que entre os indígenas há elevada heterogeneidade no comportamento migratório, sendo os indígenas residentes de áreas urbanas, sobretudo aqueles entre 15 e 65 anos, o grupo com maiores percentuais de migrantes e os indígenas rurais com menores percentuais. Para confirmar essa suposição, utilizamos análises multivariadas, estimando, inicialmente, um modelo estatístico para indígenas e não indígenas, incluindo um termo interativo entre as variáveis indígena (1= indígena/ 0= não indígena) e urbano (1= urbano/ 0= rural) com intuito de examinar se a probabilidade dos indígenas migrarem, comparado aos não indígenas, realmente varia entre áreas urbanas e rurais.

Os resultados do modelo são apresentados abaixo confirmam a hipótese de probabilidades diferentes de migração entre indígenas e não indígenas, segundo a área de residência. Sem especificar a situação de residência (se rural ou urbana), identificamos que, em geral, os indígenas apresentam menores probabilidades de migrar, comparados aos não indígenas (37% a menos). Entretanto, ao considerarmos a situação de residência, verificamos que os indígenas urbanos têm 158% a mais de probabilidade de migrar do que os não indígenas rurais, indicando a relevância de investigar com detalhes os fatores que determinam esse fenômeno.

**Tabela 1** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) das equações logísticas binomial para análise do efeito de ser indígena, considerando aqueles de área urbana e rural

Variável	(EXP(b))
Indígena	0,637***
IndioUrbano	2,588***

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). \*\*\* significante ao nível de 1%; \*\*\*\*Para determinar o efeito realize o cálculo  $[Exp(b)-1]*100$

Por meio dos resultados do segundo modelo, estimado apenas para residentes de área urbana, confirmamos uma maior probabilidade de índios migrarem (64% a mais), comparados aos não indígenas.

**Tabela 1** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) da primeira equação logística binomial para análise do efeito de ser indígena, apenas para área urbana

Variável	(EXP(b))
Indígena	1,643***

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). \*\*\* significante ao nível de 1%; \*\*\*\*Para determinar o efeito realize o cálculo  $[Exp(b)-1]*100$

A seguir, apresentamos o resultado do modelo terceiro modelo, cujo objetivo é compreender quais são os fatores que explicam a migração dos indígenas urbanos. Os achados são de que se o índio estuda ou não, a idade e se o indivíduo vive com cônjuge ou companheiro são variáveis que explicam a probabilidade de índios urbanos, entre 15 a 65 anos, de migrar. Níveis de renda e o sexo não apresentaram efeito explicativo para a probabilidade de um índio urbano migrar.

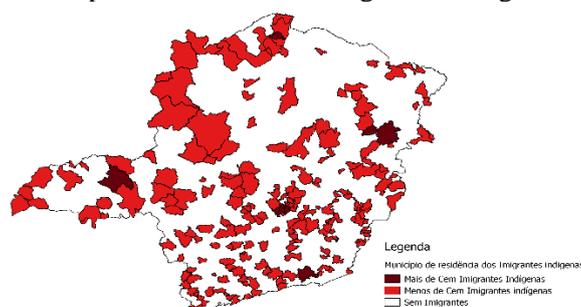
**Tabela 3** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) das equações logísticas binomial para análise os fatores que explicam a migração dos índios urbanos

Variável	(EXP(b))
Renda2	1,025
Renda3	0,846
Renda4	1,139
Estuda	0,374***
Sexo	1,022
Idade	0,962***
Unido	1,564**

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). \*\*\* significante ao nível de 1%; \*\*\*\*Para determinar o efeito realize o cálculo  $[Exp(b)-1]*100$

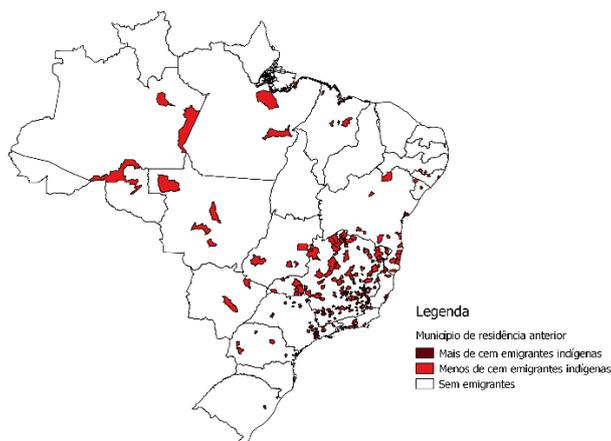
As figuras 1 e 2 mostram os municípios de origem e destino dos migrantes indígenas de Minas Gerais. Vê-se que eles se distribuem por praticamente todo o estado, embora haja uma concentração em Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Juiz de Fora e Uberlândia, que receberam mais de cem indígenas no período.

**FIGURA 1** – Municípios de destino dos imigrantes indígenas de Minas Gerais



Fonte: IBGE, 2010.

**FIGURA 2** – Municípios de origem dos emigrantes indígenas de Minas Gerais



Fonte: IBGE, 2010.

A análise da emigração mostra que a principal origem dos migrante é próprio estado de Minas Gerais (migração intraestadual), seguida de municípios localizados em UFs que fazem fronteira com o estado, assim como algumas áreas da Região Norte e também do Centro-Oeste.

## 5. Discussão

Com intuito de contribuir para investigação sobre os padrões migratórios de povos indígenas no estado de Minas Gerais, nesse artigo analisamos a probabilidade da população indígena migrar, comparada à não indígena, controlando outras fatores que possivelmente explicam a mobilidade espacial dos indivíduos. Para a análise, utilizamos dados do Censo Demográfico de 2010, para os quais estimamos três modelos estatísticos para examinar se a raça/cor “indígena” tem efeito sobre a probabilidade de um indivíduo migrar, comparada aos não indígenas.

As análises descritivas dos dados indicaram a existência de um padrão de migração diferenciado entre os indígenas, sendo os indígenas residentes de áreas urbanas, o grupo que apresentou maiores percentuais de migrantes, principalmente entre os indivíduos de 15 a 65 anos. Por outro lado, notamos que os indígenas de áreas rurais são menos propensos a migrar do que os demais grupos pesquisados. A partir dessas evidências das análises descritivas, estimamos modelos estatísticos com intuito de confirmar essa suposição.

Por meio do primeiro modelo estatístico, no qual incluímos indígenas e não indígenas de áreas urbanas e rurais, e criamos um termo interativo entre as variáveis indígena (1= indígena/ 0= não indígena) e urbano (1= urbano/ 0= rural), confirmamos que as probabilidades de indígenas migrarem, comparado aos não indígenas, varia conforme a situação de residência. Também confirmamos a hiper mobilidade entre os indígenas de áreas urbanas, visto que esse grupo tem 158% a mais de probabilidade de migrar do que os não indígenas rurais. Quando analisamos apenas os residentes de áreas urbanas, os indígenas têm 64% a mais de probabilidade de migrar. Para esse grupo, verificamos que se o índio estuda ou não, a idade e se o individuo vive com cônjuge ou companheiro são

variáveis que explicam a probabilidade de índios urbanos, entre 15 a 65 anos, de migrar. Níveis de renda e o sexo não apresentaram efeito explicativo para a probabilidade de um índio urbano migrar.

## **6. Referência bibliográfica**

AZEVEDO, M.A.; BRAND, A.; COLMAN, R. Os Guarani nos seus processos de mobilidade espacial e os desafios para as políticas públicas na região fronteiriça brasileira. In: AZEVEDO, M.A., BAENINGER, R. (Orgs.) Povos Indígenas: Mobilidade Espacial. Campinas: Nepo/ Unicamp, p. 11-28. 2013.

BRASIL, M. ; TEIXEIRA, P. . Migração dos povos indígenas e os censos demográficos de 1991 e 2000: o caso das capitais estaduais.. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu - MG. Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Campinas: ABEP, 2006.

CAMPOS, M. B.; OKAMOTO, L. ; SANTOS, R. ; ESTANISLAU, B. R. . Os migrantes indígenas do Brasil segundo o Censo Demográfico de 2010: uma análise preliminar. In: X Encontro Nacional sobre Migração, 2017, Natal. X Encontro Nacional sobre Migração, 2017.

CEPAL – Comision Economica para América Latina y el Caribe. Los Pueblos Indígenas em América Latina. Avances en el último decênio y retos pendientes para la garantía de sus derechos. Naciones Unidas, 2014.

ESTANISLAU, B. R. A Eterna Volta: Migração Indígena e Pankararu no Brasil. 106f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2014.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Microdados da amostra. Rio de Janeiro. 2010.

OLIVEIRA, J. P. Viagens de Ida, de Volta e outras viagens; os movimentos migratórios e as sociedades indígenas. Travessia - Revista do Migrante. Centro de Estudos Migratórios (CEM) Jan.-Abr. pp. 5-9. 1996.

SIMONI, A. T.; DAGNINO, R. S. Dinâmica demográfica da população indígena em áreas urbanas: o caso da cidade de Altamira, Pará. Revista Brasileira de Estudos de População, 33:303-326. 2016.

TEIXEIRA, P.; BRASIL, M. Migração dos povos indígenas e os censos demográficos de 1991 e 2000: o caso das capitais estaduais. Trabalho apresentado no XV Encontro nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006.

TEIXEIRA, P.; MAINBOURG, E. M. T.; BRASIL, M. Migração do povo indígena Sateré-Mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia. Caderno CRH, 22:531-546. 2009.

## **7. Anexos**

a. Resultados do modelo 1

Logistic regression	Number of obs	=	2506265
	Wald chi2(10)	=	15781.98
	Prob > chi2	=	0.0000
Log pseudolikelihood = -7825770.6	Pseudo R2	=	0.0211

(Std. Err. adjusted for 774598 clusters in controle)

---

migdecada	Odds Ratio	Robust Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
renda2	1.175838	.0107159	17.77	0.000	1.155022	1.19703
renda3	1.464538	.0177338	31.51	0.000	1.43019	1.499712
renda4	2.157897	.0352486	47.09	0.000	2.089906	2.228101
estuda	.8752919	.0059608	-19.56	0.000	.8636866	.8870531
urbano	1.196357	.0116347	18.43	0.000	1.173769	1.219379
sexo	1.006643	.0039746	1.68	0.094	.9988834	1.014464
idade	.9778692	.0001893	-115.63	0.000	.9774983	.9782402
unido	1.577524	.0111599	64.44	0.000	1.555802	1.59955
indigena	.637358	.1002923	-2.86	0.004	.4682109	.8676117
IndioUrb	2.588074	.4569436	5.39	0.000	1.83101	3.658159
_cons	.2116108	.0022287	-147.45	0.000	.2072873	.2160244

b. Resultados do modelo 2

Logistic regression	Number of obs	=	1942651
	Wald chi2(8)	=	12096.16
	Prob > chi2	=	0.0000
Log pseudolikelihood = -6808124.3	Pseudo R2	=	0.0192

(Std. Err. adjusted for 608708 clusters in controle)

---

migdecada	Odds Ratio	Robust Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
renda2	1.145459	.0111168	13.99	0.000	1.123876	1.167456
renda3	1.425752	.0178878	28.27	0.000	1.39112	1.461246
renda4	2.019967	.0346072	41.04	0.000	1.953265	2.088948
estuda	.8736064	.0065296	-18.08	0.000	.8609019	.8864984
sexo	1.004304	.0043711	0.99	0.324	.9957734	1.012908
idade	.9784084	.000206	-103.67	0.000	.9780047	.9788122
unido	1.541064	.0118061	56.45	0.000	1.518097	1.564378
indigena	1.643839	.1312734	6.22	0.000	1.405672	1.922358
_cons	.2559311	.0021938	-158.99	0.000	.2516672	.2602672

c. Resultados do modelo 3

Logistic regression

Number of obs = 1541

Wald chi2(7) = 50.22

Prob > chi2 = 0.0000

Log pseudolikelihood = -7654.6048

Pseudo R2 = 0.0440

(Std. Err. adjusted for 1164 clusters in controle)

migdecada	Odds Ratio	Robust Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
renda2	1.025107	.1909277	0.13	0.894	.7115925	1.476749
renda3	.8464834	.2244394	-0.63	0.530	.5034172	1.423341
renda4	1.13962	.4996526	0.30	0.766	.482571	2.691281
estuda	.3745119	.0976332	-3.77	0.000	.2246788	.6242652
sexo	1.02267	.1432132	0.16	0.873	.777203	1.345664
idade	.9625418	.0056135	-6.55	0.000	.9516021	.9736072
unido	1.564651	.2664426	2.63	0.009	1.120643	2.184578
_cons	1.014518	.256965	0.06	0.955	.6175339	1.666705